

**LIA SOUSA**

Professora Adjunta Principal, Doutoramento. Escola Superior de Saúde do Vale do Ave – IPSN/ CESPU, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

 lia.sousa@ipsn.cespu.pt

LURDES TEIXEIRA

Professora Adjunta Principal, Doutoramento. Escola Superior de Saúde do Vale do Sousa – IPSN/CESPU. Gandra, Portugal.

RUI JESUS

Professora Adjunta Principal, Doutoramento. Escola Superior de Saúde do Vale do Sousa – IPSN/CESPU. Gandra, Portugal.

FILIPE FERNANDES

Professor Adjunto Principal, Licenciatura. Escola Superior de Saúde do Vale do Ave – IPSN/ CESPU. Vila Nova de Famalicão, Portugal.

ISABEL ARAÚJO

Professora Adjunta Principal, Doutoramento. Escola Superior de Saúde do Vale do Ave – IPSN/ CESPU, Vila Nova de Famalicão, Portugal.

AUTOMEDICAÇÃO: COMPORTAMENTO DE UM GRUPO DE ESTUDANTES DE SAÚDE NO ENSINO SUPERIOR

Self-medication: behavior of a group of health students in higher education

Abstract

Introduction: In developed countries, self-medication has become a common practice, especially where over-the-counter medication is possible. Self-medication is considered one of the main public health problems.

Aim: To characterize the profile of a group of students in health higher education, in relation to self-medication during their academic career.

Methods: Cross-sectional descriptive exploratory study, framed in the quantitative paradigm. 285 students from the Nursing Degree and Physiotherapy Degree courses, a stratified sample, from a private Higher School of Health in northern Portugal, participated. A structured questionnaire was used to gather the necessary information for the study, the data collection period was from October to December 2017. Data analysis was performed using the Statistical Package for Social Sciences (SPSS - version 24), using descriptive statistics techniques (univariate and bivariate).

Results and Discussion: Participated predominantly female students, with an average age of 21 years. They resort to self-medication, and on their own initiative. The most commonly used drugs were analgesics and anti-inflammatory drugs, which were consumed for short periods. The results obtained with the study are in line with others developed in the area.

Conclusions: Students self-medicate and base their decision making with knowledge in pharmacology. These results are important for the population where the study was conducted. It is suggested to approach non-pharmacological interventions to treat pain cause that stood out for self-medication.

KEY WORDS: SELF MEDICATION; HEALTH; STUDENTS; SECONDARY EDUCATION

INTRODUÇÃO

Desde sempre que o Homem procura alívio e tratamento para os sintomas e doenças que o afligem utilizando uma diversidade de recursos terapêuticos, entre os quais a automedicação, que pode ser encarada

como um recurso leigo para o autocuidado¹. Isto é, para a prática de cuidar de si mesmo, numa postura de responsabilização consigo próprio, com a procura de saúde e com o manter-se saudável¹. A automedicação, de forma geral, pode ser tida como o ato pelo qual o

indivíduo, por iniciativa própria ou por ação de outros, decide utilizar um medicamento para tratar uma queixa autovalorizada². Segundo o INFARMED³, a automedicação diz respeito à utilização de medicamentos não sujeitos a receita médica de forma responsável, sempre que se destine ao alívio e tratamento de queixas de saúde passageiras e sem gravidade.

Nos países onde é possível a venda livre de medicamentos, a automedicação tornou-se uma prática comum e em crescimento. Em Portugal, segundo o último Inquérito Nacional de Saúde⁴, 25,1% das mulheres e 22,5% dos homens afirmam ter consumido medicamentos não prescritos. Na faixa etária dos 15 aos 24 anos, este valor aumenta para 26,6%, continuando a aumentar nos escalões etários seguintes até aos 55 anos, decrescendo ligeiramente nas idades mais avançadas. Estes dados são bem reveladores da importância das práticas de automedicação dos portugueses e da farmacologização da vida moderna.

O recurso frequente e relativamente fácil ao medicamento para uso terapêutico sem vigilância e acompanhamento médico tende a ser precocemente incorporado nas práticas das populações jovens como resposta a uma panóplia de situações de sintomas de doença e adversidades do quotidiano. Muitas vezes sem razão clínica que justifique o uso do medicamento, com inevitáveis consequências perniciosas para o cidadão e para a saúde pública, nomeadamente a nível de interações medicamentosas, intoxicações ou outros problemas de saúde⁵.

Apesar da Organização Mundial de Saúde⁶ apresentar a automedicação como uma prática inerente ao autocuidado, desde que feita de forma segura e racional; também corroborará esta perspetiva de risco apontando alguns problemas associados à automedicação, como, por exemplo,

o diagnóstico incorreto, o atraso no reconhecimento das doenças e um possível agravamento clínico. A toma incorreta de medicamentos, como a dosagem inadequada e/ou excessiva, e o uso do medicamento por um curto ou excessivo período, podem gerar problemas individuais ou coletivos de saúde.

Não obstante os riscos, a automedicação é um fenómeno prevalente na população adulta², inclusivamente entre a população académica^{1,7}. Os estudantes do ensino superior estão expostos a fatores de risco específicos, nomeadamente um contínuo estresse e esforço intelectual intenso, que induzem ao consumo e por vezes abuso de medicamentos, normalmente por automedicação⁷. As principais razões que levam os estudantes a preferir a automedicação em detrimento da consulta médica são o facto de considerarem o problema de saúde ligeiro e que sendo assim não necessitam de intervenção clínica, tendo por base situações anteriores em que o aconselhamento médico não foi relevante para o solucionamento do seu problema⁸.

Este cenário deve merecer especial atenção de agentes e entidades responsáveis, em particular os profissionais de saúde, diretamente responsáveis pela gestão e orientação de regimes terapêuticos de pessoas, grupos e comunidades e pela monitorização da segurança das prescrições, no uso e na administração de medicamentos.

Embora o fenómeno da automedicação represente uma preocupação nacional, é ainda escassa a investigação sobre os fatores desencadeantes, bem como sobre as práticas de recurso à automedicação da população e, em particular, dos estudantes do ensino superior – conhecimento crucial para que os diversos agentes implicados possam atuar estratégica e precocemente na prevenção de comportamentos de medicamentação da

vida diária. Neste enquadramento, o objetivo principal desta investigação consistiu em caracterizar o comportamento de um grupo de estudantes do ensino superior da área de saúde, em relação à automedicação durante o seu percurso académico.

OBJETIVOS

De modo a caracterizar o comportamento de um grupo de estudantes do ensino superior da área de saúde, em relação à automedicação durante o seu percurso académico, pretendeu-se atingir os seguintes objetivos específicos:

1. Descrever a percentagem de estudantes que se automedicam.
2. Descrever quais os tipos de fármacos que os estudantes mais utilizam por automedicação.
3. Descrever quais as causas mais frequentes para a automedicação dos estudantes.
4. Descrever quais as razões que levam os estudantes à automedicação.

MÉTODOS

Foi realizado um estudo quantitativo, exploratório, descritivo e transversal, que teve a colaboração de um grupo de estudantes, de uma Escola Superior de Saúde, privada, do norte de Portugal. A população alvo foi constituída por N=351 estudantes dos cursos da Licenciatura em Enfermagem e da Licenciatura em Fisioterapia. Na escolha dos participantes foram ponderados cursos de formação que tinham os 4 anos de curso em funcionamento. Procedeu-se a uma amostragem estratificada, por anos e por ciclo de estudos. Para a recolha da informação utilizou-se um questionário estruturado em três grupos: o grupo I, constituído por cinco questões, para a caracterização sociodemográfica (idade, sexo, com quem vive, o curso e o ano que frequentava); o grupo II >

TABELA 1

CARATERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS ESTUDANTES INQUIRIDOS (N=285)

	FISIOTERAPIA			ENFERMAGEM			TOTAL
	N (%)	MÉDIA	DP*	N (%)	MÉDIA	DP*	N (%)
2º ano	52 (46,8%)	-	-	59 (53,2%)	-	-	111 (38,95%)
3º ano	33 (41,2%)	-	-	47 (58,8%)	-	-	80 (28,07%)
4º ano	58 (61,7%)	-	-	36 (38,3%)	-	-	94 (32,98%)
Idade	-	21,61	3,259	-	21,25	2,544	285 (100%)
Fem.	126 (56%)	-	-	99 (44%)	-	-	225 (78,95%)
Masc.	17 (28,3%)	-	-	43 (71,7%)	-	-	60 (21,05%)
Vive com:							
família	135 (50,8%)	-	-	131 (49,2%)	-	-	266 (93,33%)
colegas do mesmo curso	3 (30%)	-	-	7 (70%)	-	-	10 (3,51%)
colegas de outro curso	1 (50%)	-	-	1 (50%)	-	-	2 (0,70%)
sozinho	4 (57,1%)	-	-	3 (42,9%)	-	-	7 (2,46%)

*DP: Desvio Padrão

composto por duas questões que diziam respeito a informações gerais sobre a medicação; e o grupo III contemplava sete questões baseadas na automedicação. A recolha de dados foi realizada em momentos letivos de presença obrigatória, no período de outubro a dezembro de 2016. Foram respeitados os princípios éticos habituais na investigação com sujeitos humanos. Numa primeira fase foi solicitada autorização à Instituição de Ensino Superior, para a recolha de dados (Parecer nº ESSVA / ENF-VA 008/2015). Foram realizadas reuniões com os coordenadores dos cursos, para agendar a recolha de dados (elaboração de cronograma de recolha de informação). Nas datas acordadas, os diferentes grupos de estudantes foram convidados a participar no estudo, através do preenchimento dos questionários; sendo-lhes previamente apresentada a finalidade e objetivos do estudo, bem como disponibilizado um termo de consentimento informado, para assinarem em sinal de concordância. Recolheram-se 301 questionários, uma vez que 50 estudantes faltaram no momento da recolha de dados. Aquando da organização da informação recolhida, foram eliminados 16 questionários por não se apresentarem completos, pelo que

o tamanho da amostra foi de n=285 estudantes. Os estudantes do 1º ano não foram incluídos, uma vez que estavam no início da sua formação. Os dados recolhidos foram organizados e analisados com recurso ao Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 24, tendo-se utilizado técnicas da Estatística Descritiva (uni e bivariada).

RESULTADOS

Os estudantes que participaram no estudo tinham uma idade média de 21 anos (18 a 31 anos), sendo na sua maioria mulheres, que coabitam com a família, como pode ser observado na **Tabela 1**.

Constata-se que a maioria dos estudantes consumiu algum tipo de medicamento nos últimos 30 dias e apenas uma minoria de estudantes

TABELA 2

DISTRIBUIÇÃO NUMÉRICA E PERCENTUAL DA INGESTÃO DE MEDICAMENTOS DOS ESTUDANTES INQUIRIDOS (N=285)

	ENFERMAGEM	FISIOTERAPIA	TOTAL
Frequência	117	109	226
Percentagem	81,8%	76,8%	79,3%

referiram não o ter feito (**Tabela 2**). Dos estudantes que consumiram medicamentos por automedicação, a maioria, recorreu a Analgésicos e Anti-inflamatórios (**Gr**). Quando questionados sobre as situações em que recorrem à automedicação, e tratando-se de uma questão onde eram possíveis respostas múltiplas, a maioria dos estudantes responderam "em caso de dor" – 265 (93%) ou "em caso de febre" – 171 (60%).

Para a tomada de decisão de se automedicarem, a maioria dos estudantes justificam a sua atitude por "Acredito ter conhecimentos para praticar automedicação" (**Tabela 3**).

DISCUSSÃO

O objetivo principal do estudo foi caracterizar o comportamento de

um grupo de estudantes do ensino superior da área da saúde, em relação à automedicação, durante o seu percurso académico.

O perfil sociodemográfico dos estudantes que participaram no estudo foi: maioritariamente mulheres, com idade média de 21 anos, que ainda habitam com os pais. Este perfil está em concordância com outros estudos na área que incluem estudantes do ensino superior nas suas amostras^{5,9}.

Com este estudo pretendeu-se dar resposta a quatro objetivos específicos, que se explanarão de seguida. Quanto ao primeiro objetivo - Descrever a percentagem de estudantes que se automedicam - foi possível perceber que a maioria dos estudantes que participaram neste estudo (226 ou 79,3%) consumiu algum tipo de medicamento, por automedicação, nos 30 dias anteriores à colheita de dados. Ou seja, uma larga maioria recorreu a algum fármaco sem vigilância clínica, dado bem revelador da importância desta problemática e da ordem de grandeza da prática de automedicação na população universitária. Sublinha-se ainda que este resultado apresenta consonância empírica com outros estudos na área⁹⁻¹⁰, evi-

denciando a importância do tema e a urgência de atenção de entidades e profissionais de saúde.

De facto, o consumo de medicamentos não sujeitos a receita médica para automedicação tem uma tendência crescente inegável², o que, no nosso entender, pode ser devido à existência de novos locais de venda de fármacos, nomeadamente, as designadas parafarmácias e, também, devido ao aumento do acesso a informação acerca de me-

dicação, nomeadamente, em sítios da internet. Sendo necessário validar junto destes estudantes, futuros profissionais de saúde, a literacia em saúde acerca desta temática e a tomada de decisão, para evitar comportamentos de risco e irrefletidos. Relativamente ao segundo objetivo - Descrever quais os tipos de fármacos que os estudantes mais utilizam por automedicação – verificou-se que quando recorrem à automedicação, a maioria dos

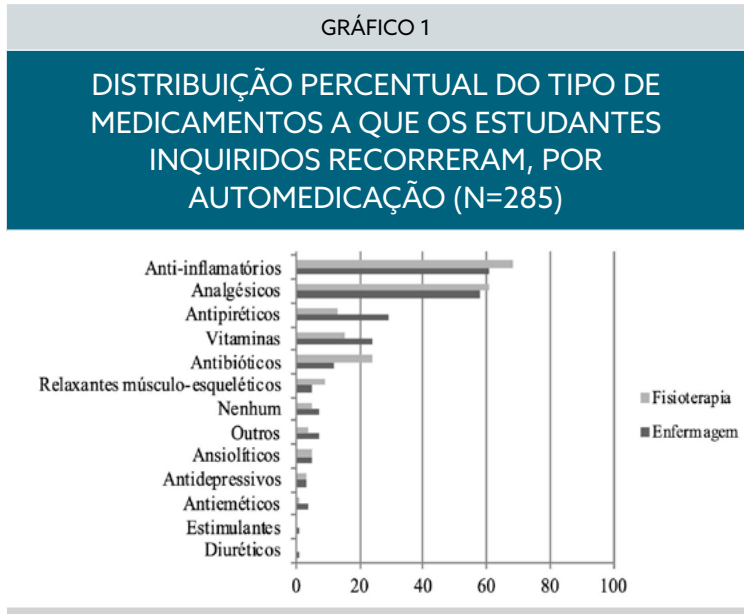


TABELA 3

DISTRIBUIÇÃO NUMÉRICA E PERCENTUAL DAS RAZÕES QUE LEVAM OS ESTUDANTES INQUIRIDOS A AUTOMEDICAREM-SE (N=285).

		ENFERMAGEM	FISIOTERAPIA
Hábito, uso crónico. Pratiquei uma vez e como resolveu o problema continuei a automedicar-me.	Frequência	9	27
	Percentagem	6,3%	19,0%
Acredito ter conhecimentos para praticar automedicação.	Frequência	59	35
	Percentagem	41,3%	24,6%
Todos os meus familiares praticam e sei que resolve o problema.	Frequência	4	7
	Percentagem	2,8%	4,9%
Todas as anteriores.	Frequência	2	11
	Percentagem	1,4%	7,7%

estudantes, utilizam analgésicos e anti-inflamatórios, tal como foi verificado por outros estudos em que os investigadores tiveram como foco de observação o consumo de medicação¹¹⁻¹²; tal demonstra que os estudantes da amostra em estudo recorrem a fármacos que são indicados como recurso possível para automedicação³, o que denota um uso assertivo da automedicação como recurso de autocuidado. Resultados de investigações recentes na área retratam um alto consumo de substâncias psicoativas, principalmente medicamentos ansiolíticos, inalantes e anorexígenos em estudantes do ensino superior¹³, no entanto, os resultados obtidos neste estudo não corroboram estes dados, o que pode ser interpretado como um aspeto positivo nos participantes deste estudo, sendo revelador de uma utilização responsável da automedicação.

No que concerne ao objetivo 3 - Descrever quais as causas mais frequentes para a automedicação dos estudantes – verificou-se que os estudantes destacam a dor e a febre como principais causas. Este resultado encontra-se em sintonia com um estudo internacional, em que foi observado que o principal problema de saúde que levava os estudantes à automedicação foi a dor⁹. A utilização de automedicação nos casos de dor e febre está descrita na lista de situações passíveis de automedicação publicada pelo INFARMED³. Se fizermos a ponte com o objetivo anterior, percebemos que os estudantes são congruentes nas

suas decisões de automedicação; pois os tipos de fármacos que mais utilizam por automedicação são os indicados para as causas mais frequentes que referem.

Por fim, relativamente ao quarto objetivo - Descrever quais as razões que levam os estudantes à automedicação - os resultados do estudo apontam que a automedicação é uma decisão autónoma dos estudantes, que consideram ter conhecimentos suficientes para este ato. Eles alegam que os conhecimentos que possuem acerca das indicações, da via de administração e da ação farmacológica dos fármacos que consomem justificam a sua utilização. Tal pode ser devido ao facto de todos os participantes serem estudantes da área da saúde, possuindo bases de farmacologia. Este resultado confirma outros estudos realizados com estudantes do curso de enfermagem, em que se verificou que, de facto, a prática de automedicação sob orientação do próprio é bastante comum e até bastante elevada⁵. Outro estudo faz referência que a automedicação tem influência dos familiares ou por antigas prescrições, o que pode ser explicado por experiências que tiveram sucesso com o medicamento⁹. Destacou-se, ainda, que os estudantes têm conhecimento dos riscos da automedicação e que a praticam por um curto período de tempo. Se a sintomatologia que levou à automedicação não ceder recorrem a um profissional de saúde. Estudos que tiveram o mesmo foco

de atenção descrevem resultados semelhantes aos verificados com este grupo de estudantes^{5,11}.

CONCLUSÕES

Este trabalho permitiu descrever o comportamento de um grupo de estudantes do ensino superior da área da saúde. Dos resultados sobressai um grupo de jovens estudantes do sexo feminino que com alguma frequência recorre à automedicação. Saliu-se o uso de analgésicos e anti-inflamatórios por curtos períodos de tempo, para dar resposta, maioritariamente, a situações de dor e febre. Os estudantes consideram-se com conhecimentos suficientes para praticar a automedicação e fazem-no de forma autónoma.

Os resultados encontrados apresentam algumas limitações, pelas características da amostra e pela metodologia utilizada. No entanto, considera-se que os mesmos são importantes para educadores, profissionais de saúde e responsáveis políticos, dado que ilustra a dimensão da prática de automedicação numa população que se encontra em reconfiguração identitária e comportamental, sendo por isso crucial que sejam desenhadas estratégias de sensibilização para os possíveis riscos inerentes a estes comportamentos.

Estes resultados reforçam ainda a importância de se dar continuidade à investigação sobre esta temática, promovendo a produção de conhecimento multidisciplinar. ▽



Referências

1. Coelho M, Santos V, Carmo MB, Souza A e França C. Relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários. *Rev Psic Div Saude [revista em linha]*. 2017 [citado em 2019 jul 20]; 6(1); 5-13. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1141/817>
2. Cruz PS, Caramona M & Guerreiro MP. Uma reflexão sobre a automedicação e medicamentos não sujeitos a receita médica em Portugal. *Rev Port Farmacoter [revista em linha]*. 2015 [citado em 2019 jul 20]; 7: 83-90. Disponível em: <http://revista.farmacoterapia.pt/index.php/rpf/article/view/2>
3. Portugal. Despacho nº17690/2007, de 23 de julho de 2007. INFARMED - Legislação Farmacêutica Compilada [Internet]. 2007 [citado em 2019 jul 20]. Disponível em: <http://www.infarmed.pt/web/infarmed/legislacao-farmacutica-compilada>
4. Instituto Nacional de Estatística. Inquérito Nacional de Saúde 2014. Lisboa: INE; 2016 [citado 2019 jul 31]. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=263714091&PUBLICACOESmodo=2
5. Mendes E. Automedicação praticada por alunos da licenciatura em enfermagem. [monografia na internet]. Porto: Universidade Fernando Pessoa; 2009 [citado em 2019 jul 20]. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/1624>
6. Organização Mundial de Saúde. Como Investigar El Uso de Medicamentos por Parte de los Consumidores. Geneva: Organização Mundial de Saúde; 2001 [citado em 2019 jul 20]. Disponível em: <https://apps.who.int/medicinedocs/documents/s14228s/s14228s.pdf>
7. Cabrita J, Ferreira H, Iglésias P, Baptista T, Rocha E, Silva A e Miguel J. Consumo de Medicamentos: Estudo do Padrão de Consumo de Medicamentos pelos Estudantes da Universidade de Lisboa. *Rev Port Saúde Pública [revista em linha]*. 2001 [citado em 2019 jul 20]; 19(2): 39-40. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4922>
8. Narciso A. Prevalência da automedicação nos alunos do mestrado integrado em ciências farmacêuticas da ULHT. [Dissertação na internet]. Lisboa: Universidade Lusófona; 2013 [citado em 2019 jul 20]. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/3969?show=full>
9. Galato D, Madalena J & Pereira GB. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Cien Saude Colet [revista em linha]*. 2012 [citado em 2019 jul 20]; 17(12): 3323-30. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012001200017
10. Aquino D, Barros J & Silva M. Automedicação e os Acadêmicos da Área de Saúde. *Cien Saude Colet [revista em linha]*. 2010 [citado em 2019 jul 20]; 15(5): 2533-38. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232010000500027&script=sci_abstract&lng=pt
11. Silva FM, Goulart FC & Lazarini CA. Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem. *Rev Eletr Enferm [revista em linha]*. 2014 [citado em 2019 jul 20]; 16(3): 644-51. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/revista/v16/n3/pdf/v16n3a20.pdf>
12. Damasceno D, Terra F, Zanetti H, D'Andréa, Silva H e Leite, J. Automedicação entre graduados de enfermagem, farmácia e odontologia da Universidade Fernando Federal de Alfenas. *REME [revista em linha]*. 2007 [citado em 2019 jul 20]; 11(1): 48-52. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/312>
13. Bortoluzzi M, Capella D, Traebert J e Presta A. Uso de Substâncias Psicoativas entre Estudantes Universitários em Cidade do Sul do Brasil. *Arq Med [revista em linha]*. 2012, [citado em 2019 jul 20]; 26(1): 11-7. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/am/v26n1/v26n1a01.pdf>